

## UMA LEITURA “AÍ PELAS TRÊS DA TARDE”

### READING “AÍ PELAS TRÊS DA TARDE”

Fernando Henrique Crepaldi Cordeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho pretende desenvolver uma leitura de “Aí pelas três da tarde”, de Raduan Nassar, texto publicado pela primeira vez em 1972 e incluído posteriormente em *Menina a caminho* (1994), reunião de contos do escritor do interior de São Paulo. Para tanto, partimos de uma discussão sobre a noção de “funções da linguagem” tal como postulada por Roman Jakobson em “Linguística e poética” (1960). Nesse sentido, propomos uma leitura do texto de Nassar, levando em consideração, num primeiro momento, as funções apelativa e emotiva, isto é, o modo como se projetam as figuras do autor e do leitor, mas expandimos para a discussão sobre as funções referencial e metalinguística, indicando como a obra lê o seu contexto e dialoga com as convenções literárias. Desse modo, nossa leitura busca indicar um movimento de desestabilização do gênero conto que se introduz a partir de uma problematização das noções de narrativa e narração, numa enunciação que se abre para múltiplas possibilidades de interpretação e que desafia os limites e as fronteiras das tipologias textuais.

**Palavras-chave:** Raduan Nassar; conto; funções da linguagem; narração.

**Abstract:** This paper aims at studying Raduan Nassar’s “Aí pelas três da tarde”, a text first published in 1972 and later included in *Menina a Caminho* (1994), an anthology of short stories by Pindorama’s writer. For that, we will propose a discussion on Jakobson’s (1960) notion of “functions of language” to construct a reading of Nassar’s text considering, at one hand, the conative and emotive functions, that is, the way in which image of the author and the reader are depicted but expanding to a reflection of the referential and metalinguistics functions in the work of the Brazilian writer also. Thus, we will seek to demonstrate a destabilization of the short story genre through the problematization of notions like “narrative” and “narration” that opens up Nassar’s text to multiple interpretations.

**Keywords:** Raduan Nassar; short story; functions of language; narration.

## Introdução

Em “Linguística e poética” (1960), Roman Jakobson postula a partir dos elementos constitutivos do ato de comunicação verbal (remetente, mensagem,

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela UNESP, campus de São José do Rio Preto. Professor Colaborador na UNESPAR, campus de União da Vitória. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4304051253442056>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9742-7953>. E-mail: fhcc2001@hotmail.com

destinatário, contexto, código, canal) a sua teoria das funções da linguagem, considerando, para tanto, que a ênfase em cada um desses elementos daria origem a uma diferente função. Desse modo, postula a função “emotiva” como aquela centrada no remetente; a “conativa” ou “apelativa”, ligada ao destinatário; a “fática”, relacionada ao contato; a “metalinguística”, associada ao código; a “referencial”, vinculada ao contexto; e a “poética” remetendo à mensagem. O pensador russo destaca ainda que as diferentes funções podem estar presentes em um mesmo texto e que, por isso, deveríamos pensá-las em termos de preponderância. Em outros termos, que funções variadas coexistem em um mesmo texto, por exemplo, a poesia épica, destaca a função referencial, enquanto a lírica enfatizaria a emotiva, essas duas funções, portanto, conviveriam com a poética.

Interessa-nos, particularmente, essa interação entre as diferentes funções da linguagem ao abordarmos o texto de “Aí pelas três da tarde”, pois consideramos que essa obra, destacando funções distintas, abre-se para uma multiplicidade de leituras que se articulam com os elementos que tomam parte na comunicação verbal. Tendo em vista algumas dessas possibilidades, propomos um percurso analítico-interpretativo, partindo da articulação de duas dessas funções: a apelativa e a emotiva.

### **O foco no receptor**

“Aí pelas três da tarde” foi publicado pela primeira vez, como nos indica Miguel Vieira (2007), em 1972, no *Jornal do Bairro* como uma homenagem a José Carlos Abbate, a quem o texto é dedicado. Abbate pertencia a um grupo de amigos próximos que Nassar formou enquanto cursava direito, filosofia e letras na USP, juntamente com Modesto Carone e Hamilton Trevisan (CARRIELO, 2012).

A dedicação a Abbate nos coloca no cerne da problemática relacionada ao papel que ocupa nesse texto a função apelativa. De fato, poderíamos dizer que, de um modo geral, o texto de Nassar é composto por três figuras centrais: o enunciador, o receptor e outras figuras que compõem o contexto. Vejamos cada uma delas.

O enunciador pode ser identificado com a voz que articula a mensagem, neste caso específico poderíamos dizer que produz o conselho ou a ordem para que o receptor abandone o escritório em que trabalha e se dirija para casa para se embalar numa rede. Seu texto, portanto, está repleto de verbos no imperativo: “largue”, “componha”, “faça”, “dê”, “surpreenda”, “suba”, “avance”, “desça”, “passe”, “circule”, “se achegue”, “largue-se”,

“vá”, “cerre”, “goze”. Tais elementos reforçam a importância do receptor no texto, na medida em que ele parece ser o seu foco central.

Nesse sentido, poderíamos dizer, recorrendo à teoria dos atos de fala de Austin, que mais do que um “ato locucionário”, esse enunciador produz um “ato ilocucionário” e um “ato perlocucionário” (OTTONI, 2002, p. 128). Isto é, para além de ser um ato de dizer (“locucionário”), a produção de um enunciado, o texto de Nassar também realiza outro ato em sua enunciação, o de aconselhar ou de ordenar, tendo, portanto, força “ilocucionária” e, incidindo em outro sujeito (o interlocutor), tem força “perlocucionária”, uma vez que deseja levar a uma ação, influenciar o comportamento do receptor.

É curioso o balanço que se atinge: focado no destinatário, demandando, exigindo, pedindo uma alteração em seu modo de agir, o texto coloca em relevo simultaneamente o enunciador, aquele que busca persuadir, impor, levar a uma ação distinta daquela que seria usual.

Essa oposição entre dois modos de viver, aquele que se pode dizer “atual” e o aquele proposto por esse interlocutor é um elemento fundamental para a construção do sentido do texto, mas também evidencia um posicionamento do enunciador frente a essa realidade, entendida como negativa, e um desejo, para o outro, de uma vida melhor. É o que se verifica em:

Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom-senso do mundo, aplicando-se em ideias claras apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (NASSAR, 2017, p. 347).

[...]

Desça, sem pressa, degrau por degrau, sendo tolerante com o espanto (coitados!) dos pobres familiares, que cobrem a boca com a mão enquanto se comprimem ao pé da escada (NASSAR, 2017, p. 348).

Na primeira passagem, evidencia-se a ironia, uma vez que os “invejáveis” são exatamente aqueles que seguem o modelo de vida (de trabalho em escritórios atulhados, barulhentos e quentes) para o qual o enunciador irá sugerir uma alternativa. Logo, pelas ações que sugere, fica indicado que o enunciador não os inveja, pelo contrário. O segundo excerto, por sua vez, ao invés de focar os colegas de trabalho, coloca em destaque os “pobres” familiares, designados também como “coitados”. Verifica-se, conseqüentemente, uma oposição na qual os “outros” (colegas e familiares) são

marcados, disforicamente, pelo fato de estarem comprometidos com o modelo de vida que o enunciador propõe que seja abandonado. Revela-se, nessa medida, um engajamento do enunciador em relação ao comportamento que ele predica e uma avaliação negativa daqueles que estão presos ao estatuto atual.

Esse enunciador, tendo em vista o apontado, é uma figura textual que produz uma série de ações: enuncia, aconselha/ordena, visa persuadir/levar à ação, avalia os comportamentos e a vida dos personagens. Nesse sentido, poderíamos pensar que se trata, de fato, de um texto injuntivo, levando em consideração (i) o papel que o destinatário ocupa nesse texto, (ii) a utilização de verbos no modo imperativo e (iii) a presença de “termos e expressões que estabelecem a ordenação das ações” (COROA, 2017, p. 66), tais como “pouco mais tarde” (NASSAR, 2017, p. 348), “por instantes” “sem demora”, “sem pressa, degrau por degrau”, “depois” (NASSAR, 2017, p. 349).

Mais do que propriamente uma narrativa, teríamos, nessa perspectiva, um texto injuntivo no qual a sequenciação das ações, isto é, sua inserção no tempo e no espaço, numa relação de anterioridade e posterioridade, que Fiorin e Savioli (1995, p. 289) afirmam caracterizar o texto narrativo, é um elemento que se submete à lógica “instrucional”, própria de textos como os manuais de instrução, das receitas culinárias, etc. A ação presente em “Aí pelas três da tarde” teria um sentido, ao mesmo tempo, “prospectivo” (isto é, voltado para o futuro, uma vez que seu caráter perlocutivo implica a realização da ação pelo receptor da mensagem) e performativo/ilocucionário (uma vez que é um evento, em si, portanto, ligado ao presente, ao próprio momento da enunciação). Distingue-se, portanto, da narrativa, tipo textual no qual há, segundo Garcez (2007, p. 53), a tendência de predomínio de “verbos no pretérito passado”. Nesse sentido, a própria caracterização do texto como um conto é colocada em xeque, pois, como propõe Nádya Gotlib (2006, p. 8), esse gênero se confunde com o próprio ato de contar histórias, sendo um tipo determinado de narrativa: “Como pensar o conto desvinculado de um conjunto maior de *modos de narrar* ou representar a realidade?”. Voltaremos a essa questão posteriormente.

A segunda figura que nos propomos a comentar é a do destinatário. Destacamos, a princípio, que, pelo fato de o texto ser dedicado a José Carlos Abbate, há uma tendência a identificá-lo com ele. Contudo, o texto parece propor uma imagem dúplice do receptor que nos remete, por exemplo, a certas narrativas que se utilizam de formas epistolares: de um lado, há uma identificação mais restrita, como se indicasse um destinatário

determinado, Abbate; por outro, uma relação mais ampla e indeterminada, pois, dirigindo-se abertamente à segunda pessoa (“você”) do discurso, leva à constante atualização do receptor como o destinatário, ou seja, enquanto leitores, ocupamos essa posição. Tal ambiguidade permite que o texto seja simultaneamente específico e universal. O conselho (ou ordem) atinge tanto a Abbate quanto a qualquer leitor.

Seja como for, remetendo a Abbate ou ao leitor, o enunciador, como indicamos, avalia negativamente sua vida, seu comportamento e sugere uma mudança que depende de um desprendimento, de um abandono da “vida moderna”.

O que chamamos de “terceira figura”, na realidade, contempla dois grupos a que já nos referimos: por um lado, os “escribas”, companheiros de trabalho do “você”; por outro, os familiares também do receptor. As características desses dois grupos também foram esboçadas. O fato é que surgem como um contraponto para a liberdade (do trabalho, das convenções, da moralidade) que esse “você” conquistaria ao seguir as indicações ou ordens do enunciador. Mantendo-se dentro das normas, das conveniências, dos padrões, das rotinas, são os que o enunciador projeta que se escandalizam ou que não compreendem a adesão as suas sugestões ou ordens.

Se lermos, portanto, “Aí pelas três da tarde” destacando o papel central que o destinatário, de fato, exerce no texto, seríamos levados a entender essa obra como um texto primordialmente injuntivo, isto é, no qual se demanda do receptor uma determinada ação, que visa provocá-lo a agir de um modo determinado.

### **O foco no emissor**

Para essa interpretação é importante a ambiguidade das formas verbais, pois, além de poderem estar no imperativo, como vimos, também podem corresponder ao modo subjetivo presente. Dessa maneira, abre-se a possibilidade de se interpretar o texto não como uma ordem ou um conselho voltado para outro, mas voltado para si, isto é, um texto ligado a um desejo ou devaneio. Seríamos, portanto, introduzidos a um processo que nos revela o mundo interior do enunciador.

Entendido desse modo, enunciador e destinatário sofrem um processo de fusão e pode-se entender que a enunciação representa um desejo provavelmente frustrado: é o sujeito que se encontra numa realidade que percebe como desumana e que vislumbra, como num sonho, numa evasão, a possibilidade de uma outra vida. O texto manteria,

consequentemente, sua potencialidade como duplo ato: o da locução (“locucionário”) e o de “ilocução”, isto é, realiza um ato em si, seja o de desejar, seja o de devanear, de sonhar. Seu potencial “perlocucionário”, todavia, só se pode entender como frustrado, uma vez que se esgota em sua condição de ato “ilocucionário”, mas não se efetiva. Esse ato de fala, portanto, se institui, no âmbito textual, como uma ficção que denuncia a violência da realidade.

Implica, essa leitura, a possibilidade de entender o “receptor” como um duplo do enunciador que realiza a libertação que ele não parece capaz, mas que se mantém como possibilidade vicária. A identificação entre enunciador-destinatário garante a possibilidade de se pensar o texto como, de fato, uma narrativa, uma representação, mesmo que hipotética, de um mundo criado.

Se dissemos que na “perspectiva injuntiva” o destinatário poderia ser entendido em uma perspectiva restrita e em uma universal, poderemos sugerir o mesmo aqui: se se entende como um devaneio do narrador não somente ele é seu receptor, mas também o leitor que atualizará esse seu desejo de liberdade com base em suas experiências de mundo.

### **O foco no referente: crítica da vida moderna**

Em ambas as possibilidades interpretativas que apontamos, mantém-se um mesmo conflito central no texto de Raduan Nassar: o embate entre um modo de vida “atual” e um modo de vida alternativo. É necessário precisá-los.

Já postulamos que a “vida como ela é” é caracterizada negativamente pelo enunciador, vinculada à pretensão, ao barulho, ao caos, à prisão, à rotina, enquanto a “vida sugerida ou desejada” se define pelo abandono, pela libertação dessas restrições, dessas imposições da vida moderna com a qual enunciador e personagem não se identificam: “[...] homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído)” (NASSAR, 2017 p. 347). Esse sentimento de não-pertencimento se articula com a percepção da modernidade como vinculada a processos de desorientação e desintegração de tal modo que, como postula Marshall Berman (2007), ser moderno é, simultaneamente, depender das instituições burocráticas e se sentir compelido a enfrentá-las.

O “cansaço” a que se refere o enunciador pode ser entendido como uma decorrência da “vida moderna”, marcada, por um lado, por uma sensação de agitação, turbulência, de contínua transformação e, por outro, pela destruição dos laços pessoais, dos valores morais e dos vínculos com a tradição. Desse modo, os avanços tecnológicos, que deveriam facilitar e melhorar a vida humana, acabam sobrecarregando, sacrificando, marginalizando a maioria da população. O desenvolvimento, a partir do conceito iluminista/positivista do “domínio da natureza”, revela-se como um meio para a dominação dos outros homens.

O enunciador, portanto, parece indicar que a vida moderna, como a conhecemos, só é possível por meio de uma “desumanização” do homem que se torna um escravo dos seus compromissos, do seu trabalho, das normas de convívio social. Pode-se, portanto, traçar um paralelo entre esse diagnóstico do enunciador de “Aí pelas três da tarde” e a ideia de Walter Benjamin (1987, p. 197-198), segundo a qual essas transformações, ligadas à revolução industrial e ao avanço do capitalismo, implicam uma alteração na sensibilidade humana, levando a uma incapacidade de “intercambiar experiências”. Para Benjamin, essa impossibilidade de comunicação se deve ao fato de que as próprias vivências do homem, na sociedade moderna, serem degradantes: “a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela fome, a experiência moral pelos governantes” (BENJAMIN, 1987, p. 115). Não sem propósito, o filósofo judeu-alemão indica como esse processo de desumanização tem algumas de suas principais representações na descrição das multidões, isto é, vinculada aos grandes centros urbanos. Nesse sentido, Valéry (s/d, s/p *apud* BENJAMIN, 1989, p. 124) postula que “O habitante dos grandes centros urbanos [...] incorre novamente no estado de selvageria, isto é, de isolamento. A sensação de dependência em relação aos outros, outrora permanentemente estimulada pela necessidade, embota-se pouco a pouco”. Depreende-se a percepção de que a cidade, embora repleta de pessoas, ao invés de aproximá-las, tende a torná-las mais distantes, pois a racionalização da vida e do trabalho implicará uma eficiência alheia ao relacionamento pessoal, aos elos de proximidade, que ressalta, nos termos de Engels (2010, p. 68), a “indiferença brutal, esse insensível isolamento de cada um no terreno de seu interesse pessoal”.

No texto de Nassar são ao menos duas as imagens centrais articuladas a essa representação da vida moderna: a da sala atulhada de mesas e a do relógio. A primeira

imagem associa-se, por um lado, à ideia de caos e de isolamento: o trabalho num ambiente barulhento, quente e dividido em mesas nas quais cada um produz para a publicação. Notem, por exemplo, a ideia de que esses personagens “dividem” o “bom senso”, pois, como numa linha de montagem, embora produzindo para um mesmo produto, esse trabalho não é o de cooperação, mas de isolamento, não é um diálogo para a construção do conhecimento, mas algo autossuficiente, especializado, alienado (como na linha de montagem, o modelo comunicativo vinculado à informação – o jornalístico – implicaria a especialização que separaria o sujeito do próprio conhecimento).

O “bom senso”, portanto, deve ser entendido ironicamente se, como Benjamin (1987, p. 204), entendermos que a notícia tende, primeiro, a descontextualizar seu conteúdo; segundo, a “entregar-se inteiramente a ele”, o que a torna perecível, pois depois daquele momento em que é nova deixa de ter interesse; terceiro, a impor ao leitor “o contexto psicológico da ação” (BENJAMIN, 1987, p. 203), ou seja, determinar o sentido do evento narrado. Esses três elementos implicam que, para o autor de “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”, a informação seria um meio de comunicação alheio à formação do saber, uma vez que, ao contrário da narração, não propiciaria ao leitor, pelo seu teor explicativo e/ou factual, a liberdade interpretativa que conferiria à narrativa sua amplitude. Esta, por sua vez, está ligada à possibilidade de o leitor, mobilizando seus conhecimentos de mundo e relacionando-os com a matéria, integrá-la a sua própria interioridade, transformando, portanto, a ação narrada em experiência. Segundo tal perspectiva, é possível pensar que o texto de Nassar indicaria essa pobreza da comunicação moderna e, simultaneamente, por sua própria constituição se proporia como modelo alternativo: à informação, ligada aos escribas, se opõe o conselho, a narração, construída pelo autor/enunciador.

A imagem do relógio fica evidente já no título (“Aí pelas três da tarde”) e, no âmbito do texto, ganha sua carga significativa se o entendermos como um mecanismo que, criado pelo homem, o escraviza. Trata-se de uma máquina que dita o modo como vive, sua experiência do tempo deixa de se vincular à natureza e passa a ser determinada por essa quinquilharia implacável que impõe a racionalização e o controle do tempo entendido objetivamente. O relógio, nesse sentido, pode ser visto como uma metáfora da vida moderna similar à da linha de produção na qual, como postula Marx (s/d, s/p *apud* BENJAMIN, 1989, p. 125), “não é o operário quem utiliza os meios de trabalho, mas, ao contrário, são os meios de trabalho que utilizam o operário”. A imposição de um ritmo

externo, mecânico, impessoal é justamente um marco do processo de racionalização da vida e do trabalho, da mecanização das relações contra a qual se insurge o enunciador do texto de Nassar.

É, portanto, também contra o relógio, contra o tempo burocratizado, automatizado, que a recomendação/devaneio se imporá – “surpreenda pouco mais tarde, com sua presença em hora tão insólita” (NASSAR, 2017, p. 348) – ao subverter o “horário comercial”, abandonando o trabalho, indo para casa, transformando-o em momento de ócio. A resistência predicada por esse enunciador, conseqüentemente, opõe às obrigações, ao trabalho, à norma social – “libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas, pondo-se, enfim, em vestes mínimas, quem sabe até em pelo, mas sem ferir o pudor (o seu pudor, bem entendido)” (NASSAR, 2017, p. 348) – a liberdade, o prazer, a despreocupação. À eficiência contrapõe-se o gozo da vida em toda a sua simplicidade: “se acheque depois, com cuidado e ternura, junto à rede [...]. Largue-se nela como quem se larga na vida [...], goze a fantasia de se sentir embalado pelo mundo.” (NASSAR, 2017, p. 349).

Esse desapego encontra um paralelo no próprio texto, uma vez que este se constrói a partir de uma economia de meios compositivos. Se pensarmos o texto como um conto, portanto como uma narrativa, a própria ação se transforma em uma hipótese, como se o autor rejeitasse as formas literárias que buscassem uma ordenação racional da realidade com categorias como personagem, tempo, espaço se reduzindo ao mínimo ou sendo problematizadas. Como destacam Ninfa Parreiras e Virgínia Heine (2001, s/p), o conto é “muito impreciso”, lembrando “uma fantasia consciente, daquelas que construímos quando estamos acordados, em estado de vigília”. Por outro lado, se pensarmos o texto como um conselho (ou ordem), seu caráter narrativo, propriamente dito, é colocado em xeque, embora se ressalte uma questão que, para Benjamin, é característica da contação de histórias: a sabedoria do narrador, enquanto aquele que é capaz de transmitir saberes, que é reconhecido como tendo autoridade para tanto. Essa dupla possibilidade de mobilização de conhecimentos sobre o gênero/tipo textual parece ser indicativa de uma ambigüidade que torna o texto aberto a interpretações distintas, ainda que, em nossa leitura, ambas remetam a uma crítica da modernidade.

Quando entendemos o texto como tendo um caráter injuntivo determinante, destacamos a importância, por um lado, do desejo de persuasão do enunciador, e, por outro, a relevância que assume o interlocutor (seja ele um sujeito específico, Abbate, ou,

de modo geral, o leitor). Pode ser interpretado, portanto, como um texto didático, como uma tentativa de conscientização voltada ao receptor: advertindo-o da desumanidade da vida moderna e indicando uma saída, vinculada ao desapego.

Quando entendemos o texto como tendo um caráter narrativo, destacamos a possibilidade de entendê-lo como um devaneio ou sonho que implicaria uma duplicação do sujeito enunciativo (como sujeito e objeto do discurso). Nesse caso, verificar-se-ia a busca de escape das condições opressoras da vida na sociedade moderna por meio do exercício da fantasia. Nos termos de Parreiras e Heine (2001, s/p), teríamos “um sonho responsável pela realização de um desejo [...] da necessidade humana de sonhar, no sentido de fantasiar e de criar o espaço do prazer”. Observa-se, desse modo, a elaboração de possibilidades de ser que se contrapõem a realidade, em sentido estrito.

Entendemos, aliás, como Parreiras e Heine (2001), que essa abertura para a fantasia é um aspecto fundamental da literatura, enquanto forma cultural que possibilita a exploração e a experiência de outras possibilidades de ser. É segundo tal perspectiva, por exemplo, que J. R. R. Tolkien (2006, p. 68) chama a atenção para a importância da noção de “escape” associada à fantasia. Para ele, a fantasia é a possibilidade de se criar imagens com consistência interna, isto é, verossímeis, mas liberta das amarras da realidade, permitindo desfrutar de experiências e modelos de mundo distintos. Segundo o escritor britânico, não é porque um homem está preso que ele só deve falar de guardas e de grades. Nesse sentido, representar a liberdade é, para ele, mais corajoso do que simplesmente se contentar com uma vida e uma experiência degradada. Nos termos de Mirane Marques (2010, p. 842), para Tolkien distingue-se uma postura de resistência de uma de condescendência. Portanto, a capacidade e a liberdade para criar alternativas de mundo, em última análise, favorecem a não conformação com uma realidade avaliada negativamente.

O exercício da fantasia, no texto de Nassar, propõe a subversão de paradigmas que regem a vida moderna e, conseqüentemente, revelam uma visão crítica sobre essa realidade. Instaura-se, desse modo, uma nova realidade, a textual, a ficcional, que se faz ação: primeiro, por propor um modelo de comportamento e de vida que está em conflito com o imposto socialmente; segundo, pelo próprio modo como é enunciada, uma vez que, entendida como conselho, como ordem, como desejo, é um texto que, por si só, alia à ação de enunciar uma segunda ação (aconselhar, ordenar, desejar).

Deixando o âmbito textual, é instigante lembrar que Raduan Nassar parece ter feito um itinerário pessoal semelhante, abandonando a “carreira literária” para viver num sítio no interior de São Paulo, dedicando-se à agricultura e à criação de gado. Teria ele buscado esse modelo de vida alternativa no trabalho e no sossego do campo?

### Considerações finais

Para concluir, gostaríamos de chamar a atenção para o modo como o texto de Raduan Nassar, favorecendo essa leitura dupla em termos tipológicos, desafia os próprios limites do gênero conto, se tido como principalmente narrativo. Na realidade, o que se verifica na literatura contemporânea é um processo constante de experimentação, de transgressão de “normas” e limites que constituiriam os gêneros como um modo de, por um lado, encontrar novos modos de expressão e, por outro, exigir do leitor uma postura mais ativa, particularmente, neste caso, na mobilização e ativação de seu repertório cultural.

Desse modo, Nassar parece, em nossa leitura, jogar com ambas as possibilidades de interpretação. Daí que o texto pode ser interpretado como um conselho, como uma ordem, como um sonho, como um devaneio. Essa “imprecisão” abre as portas para uma variedade de leituras que fragiliza a noção de uma voz totalizadora. Caberá, portanto, ao leitor, a partir dos indícios deixados no texto, construir o seu sentido baseado também em seu conhecimento de mundo.

Ao jogar com essas possibilidades, o autor nascido no interior de São Paulo joga conscientemente com os limites do gênero e com as expectativas do leitor, num texto que, simultaneamente, é e não é narrativo, mas que, nesse movimento, abre as portas para a própria discussão do que é a narração. Nesse sentido, poderíamos concordar com Lima, para quem “na arte de contar, como em todas as demais artes, as regras pouco ou nada valem. As regras, em arte, só têm valor para aqueles que por si próprios as descobrem” (LIMA, 1967, p. 24).

### Referências

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.114-119, p.197-221.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. *In*: BENJAMIN, Walter. **Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.103-149.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARRIELO, Rafael. Depois da lavoura. **Piauí**, n. 70, jul. 2012. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/depois-da-lavoura/>. Acesso em: 27 out. 2021.

COROA, Maria Luiza. O texto dissertativo-argumentativo. *In*: GARCEZ, Lucília; CORRÊA, Vilma (Orgs.). **Textos dissertativo-argumentativos**. Brasília: INEP, 2017, p. 59-71. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484421/TEXTOS+DISSERTATIVO+ARGUMENTATIVOS/7809ef0d-5a4a-4c24-9a03-9db15e0bdacf?version=1.0>. Acesso em: 27 out. 2021.

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. São Paulo: Boitempo, 2010.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. 10 ed. São Paulo: Ática, 1995.

GARCEZ, Lucília. Gênero e tipo textual. *In*: GARCEZ, Lucília; CORRÊA, Vilma (Orgs.). **Textos dissertativo-argumentativos**. Brasília: INEP, 2017, p. 51-58. Disponível em <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484421/TEXTOS+DISSERTATIVO+ARGUMENTATIVOS/7809ef0d-5a4a-4c24-9a03-9db15e0bdacf?version=1.0>. Acesso em: 27 out. 2021.

GOTLIB, Nádia. **Teoria do conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

JAKOBSON, Roman. Linguística e poética. *In*: JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2007, p. 118-162.

LIMA, H. **Variações sobre o conto**. Rio de Janeiro: Ouro, 1967.

MARQUES, Mirane. Tolkien: o escape de um prisioneiro da modernidade. *In*: II Colóquio da Pós-Graduação em Letras -, 2010, Assis (SP). **Anais CPGL. Assis (SP)**, 2010. p. 834-848.

NASSAR, Raduan. Aí pelas três da tarde. *In*: NASSAR, Raduan. **Obras completas**. São Paulo: Companhia das Letras, p. 347-349, 2017.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **D.E.L.T.A.**, n.18, v.1, p. 117-143, 2002. Disponível em <https://www.scielo.br/j/delta/a/ysBDL9Cr4ZqBPP96MgkVyGG/?lang=pt>. Acesso em: 27 out. 2021.

PARREIRAS, Ninfa; HEINE, Virgília. Dois contos e um terceiro texto: um sonho entre a literatura e a psicanálise. **Revista Psychê**, São Paulo, a. 5, v. 7, 2001. Disponível em [www.antoniotorres.com.br/dois-contos-e-um-terceiro-texto-ninfa-parreiras-e-virginia-heine/](http://www.antoniotorres.com.br/dois-contos-e-um-terceiro-texto-ninfa-parreiras-e-virginia-heine/). Acesso em: 29 out. 2021.

TOLKIEN, John R. R. **Sobre histórias de fadas**. São Paulo: Conrad, 2006.

VIEIRA, Miguel. Da erótica infantil à abstinência revoltada. *In*: VIEIRA, Miguel. **As obrigações da ordem e os chamados do desejo**: a transgressão na obra de Raduan Nassar. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina,

---

Londrina (PR), 2007. Disponível em  
[www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=83505](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=83505). Acesso em: 29 out. 2021.

Submetido em 30 de outubro de 2021.

Aceito em 20 de dezembro de 2021.